

CHINA E SEUS RISCOS GEOPOLÍTICOS PÓS COVID-19: UM EXAME A PARTIR DE CENÁRIOS PROSPECTIVOS

Marco Túlio Souto Maior Duarte¹
Marcos Alan S. V. Ferreira²

RESUMO

O presente artigo ampara-se na literatura sobre construção de cenários para analisar o contexto geopolítico da República Popular da China face à recente pandemia do COVID-19. Temos como objetivo oferecer um referencial de futuros alternativos que nos permita, nesse caso específico, analisar riscos geopolíticos. Podemos afirmar que a atual estratégia chinesa se baseia no crescimento econômico por meio de investimentos em tecnologia e abertura de mercados, se conjugando com a iniciativa “一帯一路” (Cinturão e Rota). Tal estratégia se encontrou ameaçada pela atual crise sanitária mundial, que fechou portos, fronteiras, mercados e causou sérios danos à imagem internacional da China. De modo a realizar tais objetivos, o presente artigo se fundamenta na visão de teóricos vinculados à análise de cenários prospectivos e de estudos estratégicos. Objetivando avançar a compreensão sobre o tema, criamos três cenários, a dizer: um cenário cauteloso; um cenário otimista, e um cenário de agressividade intensa. Esperamos, a partir dessa construção, observar as possíveis situações futuras e riscos à estratégia geopolítica da China.

Palavras-chave: China. Construção de Cenários. Geopolítica.

¹ Mestrando. Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paraíba (PB), Brasil. Bolsista CAPES PROCAD-DEFESA. E-mail: marcoduarte96@hotmail.com / Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0011-6671>

² Doutor. Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paraíba (PB), Brasil. E-mail: marcosalan@gmail.com / Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3196-6508>

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca, a partir da conjugação de análises qualitativas e de ferramentas da construção de cenários prospectivos, analisar o contexto geopolítico da República Popular da China face à recente pandemia do COVID-19, especialmente no tocante ao futuro da estratégia do Cinturão e Rota (BRI)³. A China foi o primeiro epicentro da pandemia e acredita-se que o vírus tenha se originado na cidade de Wuhan (ZHANG, 2020). O ceticismo inicial das lideranças chinesas, aliado ao atraso da publicação das descobertas, causou graves danos à imagem internacional da República Popular da China (RPC), o que pode prejudicar o BRI a curto e/ou longo prazo (YINGHUI, 2020).

Podemos apontar a iniciativa “Cinturão e Rota” como a maior estratégia econômica chinesa dos últimos tempos (CHATZKY; MCBRIDE, 2020). Tal projeto engloba 65 países, compondo 30% da economia mundial, e possibilita diversas oportunidades à China, como a construção de seu *soft power* e o aumento de sua legitimidade como potência emergente (ZHOU; ESTEBAN, 2018).

A China é a segunda maior economia do mundo, sendo o maior exportador de bens, o segundo maior importador e o segundo maior exportador de capital. Para manter seu crescimento, o país precisa exportar bens e serviços que produz e importar recursos indisponíveis em seu território (DUNFORD; LIU, 2018). Ciente de que um crescimento econômico baseado em produção maciça e de baixo custo não é mais viável, tendo em vista o aumento dos salários e envelhecimento da produção, a China busca subir na cadeia global de valor, produzindo tecnologia e inovação (SAHA; FENG, 2020), alinhada com ações de política externa focalizadas na expansão da capacidade econômica (LANTEIGNE, 2019).

A pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 pôs em risco diversos dos projetos componentes da estratégia BRI. Na primeira metade de 2020, diversos países asiáticos implantaram medidas sanitárias, restringindo voos e a circulação de bens e pessoas de modo a combater o alastramento do vírus. Tais medidas causaram danos na estratégia econômica chinesa. De acordo com o Departamento de Assuntos Econômicos Internacionais da China, 20% dos projetos BRI foram seriamente afetados, enquanto os outros 80% dos projetos foram afetados moderada ou levemente (HAIDER, 2020).

³ Em inglês, Belt and Road Initiative (BRI).

Apresentamos, a seguir, o referencial teórico-metodológico que embasou os cenários construídos pelo artigo. Logo após, discorreremos sobre o projeto chinês de expansão econômica, o BRI, dentro do atual contexto de crise sanitária. As incertezas e argumentos apresentados passam a compor, na seção subsequente, a construção das situações que a China possa se deparar em um futuro próximo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O presente artigo se utiliza do referencial conceitual de construção de cenários para esquematizar metodologicamente os possíveis quadros que a República Popular da China pode defrontar no contexto pós-COVID-19. É importante notar que, como Marcial (2015, p. 2) informa, “os estudos prospectivos não têm como objetivo prever o futuro e, sim, estudar as diversas possibilidades de futuros plausíveis existentes e preparar as organizações para enfrentar qualquer uma delas”.

Tais técnicas nos permitem construir e analisar cenários futuros com maior eficiência, gerando um maior entendimento quanto ao impacto da atual crise sanitária na estratégia chinesa. É importante ressaltar que a prática de construção de cenários difere da chamada futurologia, e não visa “acertar” previsões:

Elaborar cenários não é um exercício de predição, mas sim um esforço de fazer descrições plausíveis e consistentes de situações futuras possíveis, apresentando as condicionantes do caminho entre a situação atual e cada cenário futuro, destacando os fatores relevantes às decisões que precisam ser tomadas (WRIGHT; SPERS, 2006, p. 1).

Como buscamos uma compreensão maior dos possíveis futuros, a análise de cenários se mostra como uma ferramenta que auxilia a realizar tal objetivo, especialmente porque estamos em um chamado *turning point*, o início de uma crise. Como afirma Marcial (1999, p.2), “os estudos de cenários prospectivos são uma das ferramentas mais adequadas para a definição de estratégia em ambiente turbulento e incerto”. Assim, mais que oferecer respostas definitivas sobre a inserção chinesa no cenário global pós-pandemia, o que se segue pode ser de benefício para amparar análises acadêmicas e técnicas futuras sobre os caminhos que se desenham na geopolítica global – e a chinesa em particular.

Nota-se que a presente pesquisa não é fundamentada no entendimento de um único autor, e sim no arcabouço metodológico construída ao longo da história da construção de cenários. Diversos teóricos e escolas de entendimento fornecem contribuições variadas para a base metodológica da presente pesquisa. Logo, a presente pesquisa fundamenta-se na análise qualitativa exploratória e narrativa da literatura pertinente sobre a BRI e a questão geopolítica chinesa.

Os trabalhos de construção de cenários, em sua grande maioria, possuem etapas de questionários, consulta a peritos, testes de consistência e processamento de dados (MARCIAL; GRUMBACH, 2002 apud MORITZ, 2004). Não obstante, aqui adotamos uma abordagem alternativa diante da importância atual da temática e perante os desafios apresentados para métodos *in loco* diante da pandemia do coronavírus. Logo, a presente pesquisa fundamenta-se em uma análise exploratória de construção de narrativas possíveis, a partir de uma triangulação de dados, que se utiliza de ferramentas da construção de cenários para analisar de maneira qualitativa os possíveis desafios à estratégia geopolítica da República Popular da China, estratégia representada pelo projeto BRI.

Nessa triangulação de dados, partimos da bibliografia especializada e revisada por pares sobre a geopolítica chinesa. Este método mostra-se adequado para corroborar evidências com a combinação de múltiplas fontes, algo central para um fenômeno em desenvolvimento e com significativa disputa de narrativas geopolíticas (SALKIND, 2010). No entanto, dado que enfrentamos aqui o desafio de explorar um tema ainda em desenvolvimento, torna-se mister a utilização de informações de renomados *think-tanks* especializados na temática em análise, como a Jamestown Foundation, além do cruzamento desses dados com reputados órgãos de imprensa nacional e internacional e obras de analistas políticos e epidemiológicos (ALTAKARLI, 2020; HUI, 2020; WASSENAAR, 2020; ZHANG, 2020). Nosso recorte de análise parte do período dos dois anos imediatamente anteriores à pandemia de COVID-19 até maio de 2021.

Cabe salientar que a relação entre estudos prospectivos e análises geopolíticas é histórica. A consolidação da metodologia prospectiva possui raízes no ambiente militar (SOUZA, 2012) e as abordagens modernas surgiram no período da Guerra Fria, com o estabelecimento do *think-tank* securitário Rand Corporation, embrião do maior centro de estudos prospectivos do mundo (MARCIAL, 2015). A partir dali, pensam-se os possíveis ambientes estratégicos, táticos e operacionais que os EUA

poderiam se defrontar a partir de distintas ameaças, que vão desde a União Soviética na Guerra Fria, até mais recentemente a questão do terrorismo internacionalmente organizado (JENKINS, 2020).

A construção de cenários é frequentemente utilizada como auxílio para tomadores de decisão ligados à política e estratégias de defesa, assim como para formulação de política externa (FERREIRA, 2014; FERREIRA, 2020). Os cenários criados apontam para áreas ou questões que serão importantes no futuro e que, por sua vez, demandarão a formulação de políticas e alocação adequada de recursos para defesa e formulação de políticas por parte do Estado (ABLETT; ERDMANN, 2013; FERREIRA, 2020).

Um exemplo é a questão da Revolução nos Assuntos Militares (RAM) nos Estados Unidos. Cenários construídos durante a Guerra Fria apontavam para uma maior importância para as questões informacionais, aeroespaciais e tecnológicas nas guerras do futuro, e os EUA passaram a adotar tal visão após a Guerra do Golfo (TEIXEIRA; DUARTE, 2018).

É interessante notar, também, que a noção de simular cenários futuros é bastante comum ao meio militar. Os *wargames* (jogos de guerra) são simulações de conflitos, seja de um cenário improvável ou altamente provável. Comandantes e tomadores de decisão se utilizam desses jogos para que possam melhor compreender dinâmicas escondidas dentro de determinada situação, além de melhor analisar detalhes não percebidos anteriormente (MCCREIGHT, 2012).

Cenários, por sua vez, são “uma ferramenta para nos ajudar a adotar uma visão de longo prazo num mundo de grande incerteza” (SCHWARTZ, 2000, p.15, apud MORITZ, 2004, p. 16). Da mesma forma que é possível utilizar a construção de cenários para diminuir incertezas futuras em áreas como a economia ou a política, é possível conjugar análises geopolíticas com a construção de futuros possíveis de modo a compreender melhor possíveis riscos geopolíticos.

Dalby (2010) define geopolítica como sendo um termo utilizado para se referir a rivalidades entre grandes potências e à dimensão geográfica do poder político global. O assunto, entretanto, não é preocupação restrita às grandes potências, tendo em vista que questões geopolíticas afetam, em maior ou menor escala, o globo inteiro. Um exemplo de questão geopolítica afetando diferentes regiões é a anexação da Criméia pela Rússia em 2014. As sanções retaliatórias dos Estados Unidos e da União Européia afetaram não só a economia da Rússia, mas também a própria UE. Estima-se que

fazendeiros europeus, por perderem um de seus principais mercados de exportação, tenham prejuízos de mais de 2 bilhões de euros (MOAGAR-POLADIAN; DRAGOI, 2015). Em contrapartida, o mesmo embargo forneceu oportunidades para que produtores da América Latina ocupem o espaço vago no mercado alimentício russo (LOZADA et al, 2014).

A construção de cenários é uma maneira efetiva de ajudar tomadores de decisão a examinarem possíveis desdobramentos futuros, auxiliando na fundamentação de políticas e de planos de contingência. Essa importância é duplamente aumentada quando tratamos de cenários geopolíticos, já que tais questões lidam com poder político, disposição de forças e podem, no pior dos casos, ameaçar a sobrevivência de Estados (ABLETT; ERDMANN, 2013).

Para Medeiros Filho (2004, p. 44), “o estabelecimento de políticas de Defesa e Segurança faz parte de um planejamento estratégico maior, e como tal deve ser coerente com seu contexto geopolítico”. De modo a compreender ameaças ao Estado e criar respostas à tais ameaças, acadêmicos e militares criam cenários de enfrentamento. Esses cenários são baseados no mundo observável, tendências futuras e hipóteses.

Um exemplo dessa construção teórica é apresentado por Oliveira (et al, 2017), que discorre sobre possíveis ameaças ao pré-sal no período 2030-2050. Em seu artigo, os autores analisam quais seriam as tendências geopolíticas nesse período e prescrevem soluções para as ameaças resultantes, que incluem ações políticas, organizacionais e securitárias. É importante notar que os próprios autores ressaltam que cenários não devem ser construídos tão somente do que é mais provável de acontecer, mas também devem considerar situações altamente improváveis. Tais situações permitem ao analista considerar aspectos para além da realidade prática ali apresentada, o que possibilita uma análise diferenciada das implicações de um dado objeto de pesquisa através da construção de narrativas de caminhos possíveis.

Na seção a seguir, seguiremos dentro desta linha teórica com um exame da BRI e seus impactos geopolíticos pós-COVID-19. Cabe iniciar explicando no que se constitui a BRI.

3 GEOPOLÍTICA DA ESTRATÉGIA “CINTURÃO E ROTA”

O BRI, anunciado em 2013 pelo Presidente Xi Jinping, inicialmente com o nome “*One Belt, One Road*”, é uma das estratégias de infraestrutura mais ambiciosas da era moderna, (DUNFORD; LIU, 2018). Tal projeto almeja fortalecer a liderança econômica chinesa por meio de pesados investimentos em infraestrutura nas regiões vizinhas (CAI, 2017). O BRI pode alterar o cenário econômico e político da Ásia, fornecendo oportunidades de investimento para empresas chinesas e melhor acesso a matérias primas e produtos intermediários, auxiliando sua produção de bens tecnológicos (YU, 2017). Embora haja fortes componentes e justificativas econômicas para o projeto, o presente artigo dedica a maior parte de sua atenção às questões geopolíticas e estratégicas da questão, não entrando em detalhe em pontos como a composição do PIB, estimativas de crescimento ou taxas de juros.

Sem entrar no mérito das intenções chinesas (neocolonialismo ou cooperação econômica), é inegável que a estratégia do Cinturão e Rota possui tanto um componente econômico forte quanto um componente geopolítico pujante. A defesa de seus interesses econômicos é um ponto crucial para a China: o governo chinês deve a sua estabilidade e longevidade ao crescimento econômico do país.

Como Fernandes e Leite (2012) argumentam, a transformação econômica da China na década de 1980, que modernizou o país, trouxe investimentos e aumentou o PIB per capita, conduziu o país a um período de estabilidade política comparável apenas com o período anterior à dinastia Qing. Os indicadores econômicos chineses, como salários cada vez maiores, um crescimento populacional cada vez mais lento e uma população cada vez mais educada, apontam para uma desvantagem produtiva caso o país se mantenha como um produtor de bens intermediários (SAHA; FENG, 2020). Antecipando tal situação, o país busca subir nas cadeias globais de valor⁴. Alexandre Cunha Leite (2019), analisando a obra de Sun e Grimes (2017), argumenta o seguinte:

Atualmente, a China não está mais satisfeita em ser apenas uma base de manufatura global que alimenta o mercado internacional. O país almeja se tornar um produtor de tecnologia e inovação. Parte da estratégia de desenvolvimento econômico da China

⁴ A China busca, portanto, ser o país que adiciona mais valor na cadeia produtiva de determinado produto. Ver: <https://ged-project.de/globalization/coronavirus-economic-impact/>. Acesso em: 22/10/2021

é aumentar a sua competitividade no mercado de produtos com alto valor agregado e aumentar o seu envolvimento nas cadeias globais de valor (GVCs) (LEITE, 2019, p. 156).

Existe a noção de que o BRI sirva para auxiliar o país nesse objetivo. Ge et al. (2020) explica que o projeto busca “promover a alocação eficaz de recursos, uma profunda integração regional e melhorar a distribuição de GVCs”. Dunford e Liu (2018, p. 3) argumentam que o projeto BRI surge da necessidade da China de exportar o seu modelo de desenvolvimento e de solucionar os “três grandes déficits” que afligem o mundo: o déficit de paz, de desenvolvimento e de governança. O argumento chinês é de que o projeto é benéfico para a China e para os recebedores de seus investimentos, tendo em vista que geraria desenvolvimento em comum, aumentaria a cooperação e interconectividade econômica e contribuiria para solucionar os desafios globais previamente abordados.

Segundo Cai (2017), a China vê o poderio econômico chinês como uma ferramenta para manter a estabilidade regional do entorno estratégico e a liderança chinesa nessa mesma região. De fato, autoridades chinesas associam a instabilidade política e atentados terroristas em nações vizinhas (em especial na Ásia Central) como resultado de subdesenvolvimento econômico. Com a integração econômica desses países com a China, tais ameaças seriam atenuadas.

Sukhankin (2020), por sua vez, discorre sobre os desafios securitários do projeto BRI no que se refere à defesa de infraestrutura e investimentos em países da região. Segundo o autor, “realizar com sucesso as ambições da Iniciativa Cinturão e Rota (BRI) demanda que a República Popular da China garanta a proteção de seus trabalhadores, negócios, e infraestrutura crítica em países do projeto” (SUKHANKIN, 2020). Conflitos internos em países da região podem inviabilizar diversos projetos das mais diversas formas, seja pela necessidade do país receptor reordenar recursos para combater uma guerra civil, seja pelo ataque a fábricas, portos e aeroportos por grupos terroristas ou até por uma situação em que grupos separatistas tomam posse de determinado território estratégico.

Dessa forma, a China estaria interessada em manter a estabilidade dos países receptores de investimento, em especial contra ameaças dos “três males”: terrorismo, extremismo e separatismo (SCO, 2001). O projeto do BRI, portanto, demanda um certo nível de cooperação securitária e

busca, a longo prazo, combater as causas dos “três males” a partir do desenvolvimento econômico.

Um dos pontos críticos à geopolítica chinesa é a vulnerabilidade de suas rotas comerciais marítimas. Storey (2006) discorre sobre o “Dilema de Malacca”, se referindo ao fato de que 25% do comércio global transita, anualmente, por essa pequena faixa aquática que conecta o Oceano Índico ao Mar do Sul da China. A interrupção ou interdição dessa zona por forças navais hostis seria um grave risco à China.

Imagem 1 – Estreito de Malacca



Fonte: Universidad de Navarra⁵.

Banerjee (2016), por sua vez, argumenta que o componente marítimo do Cinturão e Rota pode atenuar tal fraqueza geoestratégica:

[...] a Rota da Seda⁶, ao conectar portos e instalações marítimas com a China, permitirá que o país supere o chamado “Dilema de Malacca”, permitindo o acesso a instalações marinhas na área do Oceano Índico. Em termos de infraestrutura portuária, logística marítima,

⁵ Fonte: <https://www.unav.edu/web/global-affairs/detalle/-/blogs/china-and-india-fight-for-the-gates-of-the-strait-of-malacca>

⁶ A “Rota da Seda” é o componente marítimo do BRI.

segurança de transporte naval, acesso a recursos marinhos e questões correlatas, isto permitirá que a China acesse e tenha controle sobre todo o tipo de instalações de apoio naval que faltam hoje. Isso seria uma grande vantagem estratégica para a China. (BANERJEE, 2016, p. 9).

Tal observação se conjuga com a visão de que o BRI é multifacetado: serve ao mesmo tempo aos interesses econômicos e geopolíticos chineses, sendo difícil desassociar os dois aspectos.

De acordo com a teoria do realismo ofensivo, o objetivo final de toda grande potência é maximizar o seu poder e, eventualmente, dominar o sistema (MEARSHEIMER, 2014). Para chegar a tal ponto, entretanto, as potências precisam primeiro se tornarem potências regionais, estabelecendo hegemonia em sua região. Mearsheimer (2014) afirma que, caso a China continue seu crescimento econômico, o país poderá se mostrar como um *peer-competitor* (competidor em paridade) dos EUA e buscar a hegemonia regional.

Argumentamos que esse aspecto emerge como um dos principais motivos pelo qual a República Popular da China decidiu pelo BRI. Caso seja bem-sucedida, a iniciativa poderá alavancar a economia chinesa e auxiliar na integração (e interdependência) econômica do país no continente asiático, sua região geoestratégica. Essa ascensão regional muito provavelmente será acompanhada por ações que determinam um “guia de comportamento”, ou seja, como os países devem se comportar no Leste Asiático⁷. Caso ocorram, ações contrárias aos interesses chineses serão rechaçadas, e será difícil resistir à influência política, econômica e militar da China (MEARSHEIMER, 2010).

Um exemplo prático da aplicabilidade de “guias de comportamento” por parte de grandes potências é o da Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962. Nessa situação, com sua sobrevivência ameaçada, os Estados Unidos energicamente agiram para remover mísseis balísticos soviéticos de Cuba, se valendo de seu poder diplomático (bloqueio da OEA) e militar (planos de invasão, bombardeio e utilização de armas nucleares) (ALLISON, 2008).

Embora autores como Mearsheimer (2014) argumentem que o crescimento econômico chinês será acompanhado de competição securitária e expansionismo agressivo na Ásia (tal qual a Doutrina Monroe), autores como Xueting (2018) afirmam que a ascensão chinesa causará uma mudança positiva nos valores do sistema internacional, criando o chamado *wangdao* (autoridade humanitária). Tal mudança de valores, segundo o autor, seria aceitável à maioria dos países, devido a sua universalidade, e geraria uma ordem internacional muito mais pacífica que a atual (XUETONG, 2018).

Guifang Xue (2019) discorre sobre o uso dual⁸ de infraestruturas do projeto Cinturão e Rota. A possibilidade de que portos e aeroportos construídos em países do projeto possam ser utilizados pelas forças armadas da China é algo que alarma os Estados Unidos e seus aliados. O projeto do BRI, segundo

⁷ Um exemplo histórico apontado por Mearsheimer (2014) é o da Doutrina Monroe.

⁸ O “uso dual” se refere a capacidade de instalações servirem tanto para meios civis quanto militares. Um exemplo seria um porto serve ao mesmo tempo como infraestrutura comercial civil e de abastecimento para navios de guerra.

a autora, tem como objetivo primordial a construção de uma “comunidade de destino comum baseado na cooperação *win-win* e na conectividade” (XUE, 2019). A construção de infraestruturas com uso dual, como portos de águas profundas, seria uma maneira de enfrentar desafios logísticos e de permitir que a China participe em cooperação securitária regional, não sendo diretamente relacionado com expansão militar ou competição (XUE, 2019).

A China é envolvida em diversas disputas territoriais com países vizinhos, como a Índia (Arunachal Pradesh), o Japão (Ilhas Senkaku), o Vietnã (Ilhas Parcel) e Taiwan. Realistas ofensivos como Mearsheimer (2014) argumentam que, com o crescimento de seu poder econômico e, por consequência, seu poder militar, o país poderá se encontrar em uma posição confortável para resolver essas disputas em seu favor. Essa visão é contraposta por realistas morais como Xueting (2018), que afirmam que as características primordiais do sistema internacional são derivadas dos valores morais do *hegemon*⁹. O crescimento do poder chinês significaria, portanto, o estabelecimento de uma ordem cooperativa, integrada e mais segura que a atual (XUETONG, 2018).

4 A AMEAÇA DA CRISE SANITÁRIA

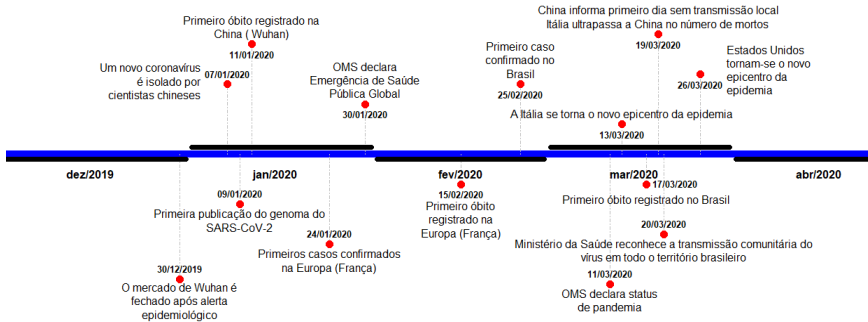
A atual pandemia mundial é provocada pela cepa SARS-CoV-2, primeiramente identificada em Wuhan, na China, em dezembro de 2019 (HUI, 2020). A causa ainda não foi identificada, mas cientistas afirmam que há fortes indícios de contaminação morcego-para-humano na produção de remédios tradicionais no mercado de Huanan (WASSENAAR, 2020).

A doença se alastrou rapidamente dentro da China, mas foi contida em menos de três meses. Turistas infectados, entretanto, espalharam a doença para seus países natais e centros turísticos mundiais¹⁰, como a Itália, Coreia do Sul e Japão (GOSSLING et al, 2020). O status de pandemia foi declarado pela Organização Mundial de Saúde no dia 11 de março de 2020.

⁹ De acordo com Mearsheimer (2010), o hegemon é aquele Estado que possui preponderância militar no sistema, sendo tão poderoso que nenhum outro Estado conseguiria enfrentar diretamente.

¹⁰ É importante notar que ao redor de 86% das pessoas infectadas são assintomáticas, mas possuem potencial de infecção. Ver: pebmed.com.br/coronavirus-assintomaticos-sao-responsaveis-por-dois-tercos-das-infecoes

Tabela 1: Linha do Tempo da atual pandemia de COVID-19 até Abr/2020



Fonte: Ritter et al. (2020).

A República Popular da China, por ter sido o primeiro epicentro do vírus, recebeu massiva atenção internacional, sendo acusada de ter suprimido informações cruciais e até de ter manufacturado o vírus, teoria que já foi desmentida pelo consenso científico. Os ataques à China variam entre argumentos sérios que merecem uma atenção e investigação maior e teorias da conspiração (DOUGLAS, 2021). Exemplos do primeiro tipo incluem críticas como a omissão da China frente aos riscos inerentes à mercados de atacado de animais silvestres, como o Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Huanan, apontado como origem da pandemia. Exemplos do segundo tipo incluem a teoria desmentida pela OMS¹¹ de que Xi Jinping teria pedido, por telefone, que a organização atrasasse o alarme pandêmico global, prejudicando a resposta sanitária do resto do mundo.

Mesmo refutando acusações infundadas (e diplomaticamente ignorando acusações fundamentadas), é inegável o dano à imagem chinesa (FRAVEL et al, 2021). A China, por adotar uma postura de resposta rápida e (relativamente) draconiana, com *lockdowns*, restrições à movimentação, aumento da capacidade laboratorial, rastreamento dos casos e *surveillance* em massa, foi um dos primeiros países a controlar a curva do coronavírus (ALTAKARLI, 2020). Essa solução rápida, porém, não serviu para impedir

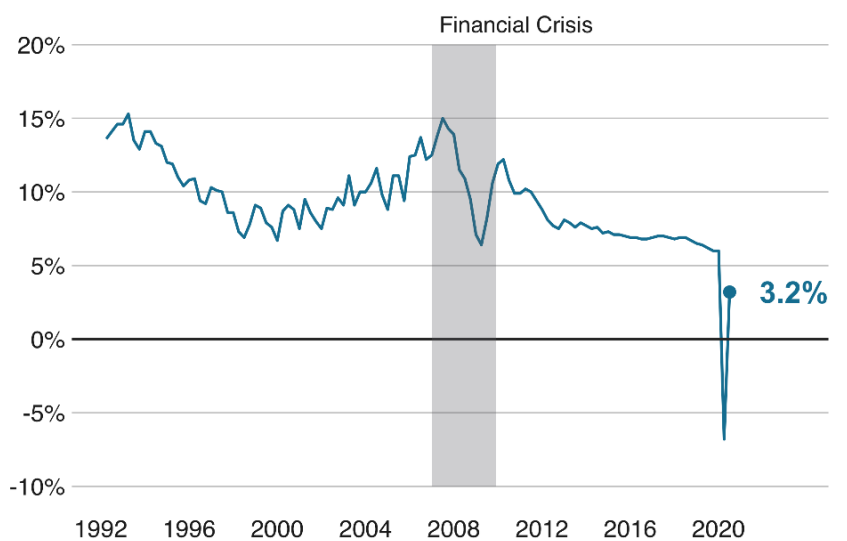
¹¹ Fonte: www.thehindubusinessline.com/news/world/report-claims-china-urged-who-to-delay-global-warning-for-covid-19-who-denies-who-denies-claims-that-china-asked-body-to-delay-covid-19-warning/article31554921.ece

danos à imagem ao país, tendo em vista a propagação do vírus para outros países (GOSSLING et. al. 2020). É importante notar que cidadãos chineses e até mesmo asiáticos não-chineses (ou descendentes de) relataram sofrer ataques xenofóbicos ao redor do globo, ataques estes realizados por pessoas que relacionaram a origem da vítima com a suposta origem do vírus¹².

Tabela 2: Economia Chinesa Retorna Crescimento

Chinese economy bounces back into growth

Year-on-Year GDP has now fallen into negative territory



Source: China's National Bureau of Statistics

BBC

Fonte: BBC¹³.

Embora o país tenha conseguido evitar uma grave recessão ou crise econômica, como podemos ver na tabela acima, a pandemia causou graves danos aos planos do país, podendo atrapalhar tanto a iniciativa do BRI quanto outros projetos estratégicos, já que países do continente podem entrar em recessão. Entramos em detalhes na seção a seguir, analisando

¹² Ver "The Rise of Anti-Asian Hate in the Wake of Covid-19": items.ssrc.org/covid-19-and-the-social-sciences/the-rise-of-anti-asian-hate-in-the-wake-of-covid-19/. Acesso em: 22/10/2021

¹³ Fonte: <https://www.bbc.com/news/business-53399999>. Acesso em: 22/10/2021

cenários e desafios possíveis à República Popular da China no contexto pós-pandemia.

5 CENÁRIOS PROSPECTIVOS: BRI E GEOPOLÍTICA CHINESA

Nesta seção, apontamos os cenários que foram construídos para a presente pesquisa, a dizer: **Cenário 1: Cauteloso**, no qual a China não toma ações bruscas e age com base em um planejamento de longo prazo; **Cenário 2: Otimista**, no qual as condições internacionais são as mais propícias e auspiciosas para a China, que passa a obter vantagens por conta de tais desdobramentos; e, por fim, o **Cenário 3: Agressivo**, no qual a China age agressivamente, com intuito de subverter a ordem internacional e consolidar militarmente sua posição na região asiática.

A pesquisa fundamentou-se em um exame das **forças** econômicas e políticas que fundamentam a ação chinesa na BRI. Nota-se aqui a fortaleza econômica do país aplicada à diplomacia, ancorada em massivos investimentos em infraestrutura tanto por cessão como por via de empréstimos. Não obstante, tentamos nos cenários mapear as **incertezas** que rondam estas forças a partir da eclosão da pandemia do COVID-19, elemento surpresa no cenário geopolítico que gerou queda da economia global e impactos diretos na imagem da China enquanto potência. Nesse contexto, compreender **atores** que incidem como o tema tornou-se central, tal como a atuação do Partido Comunista Chinês internamente e a formulação frente ao mundo externo construída por seu corpo diplomático.

5.1 CENÁRIO CAUTELOSO: CHINA AGE DE MANEIRA COMEDIDA EM RELAÇÃO A SEUS EMPRÉSTIMOS INTERNACIONAIS

A construção deste cenário específico possui como base a estrutura de análise do método de Porter (1992 apud MORITZ, 2004). Embora o modelo de Porter possua como objetivo a elaboração de cenários industriais, seria possível realizar uma adaptação para os objetivos da presente pesquisa; ainda que não fosse possível diante da atual conjuntura manejar metodologicamente uma gama de variáveis macroambientais, mercadológicas, e de análises quantitativas complexas, procedemos a uma análise exploratória expressada em uma narrativa construída a partir da triangulação de dados – tal como anteriormente exposto. De forma mais

precisa, o método de Porter inspirou o presente cenário a compreender a atual situação do objeto de estudo (no caso, a estratégia do Cinturão & Rota), identificar as incertezas que podem lhe afetar e discutir ações de curto e longo prazo.

O título do cenário se dá pelo fato de, tendo identificado com sucesso as incertezas e desafios futuros, a RPC toma as ações mais estáveis e seguras para a manutenção e defesa do projeto BRI. Começamos pela atual situação da iniciativa: o projeto é uma das peças centrais à política externa chinesa, tendo sido, inclusive, adicionado à constituição da China em 2017¹⁴. Sua importância geoestratégia e política é notória. Danos infligidos no projeto, portanto, atingem diretamente a República Popular da China.

A crise sanitária do COVID-19 fez com que economias freassem abruptamente, causando retrações no crescimento econômico e gerando uma recessão econômica mundial¹⁵. Conforme apontado em reportagem do *The Economist*,¹⁶ governos ao redor do mundo se veem incapazes de pagar financiamentos e empréstimos, podendo chegar a realizar o *default*, isto é, o descumprimento de obrigações legais. Caso isso ocorra, a República Popular da China pode coletar as garantias, que, em muitos casos, são ativos de infraestrutura ou extração de matéria-prima.

No presente cenário, tal coleta não ocorre. Essa decisão é justificada por diversos motivos. O primeiro desses seria o fato de que, como a imagem da China já se mostra desgastada no exterior e, antes mesmo da pandemia, já se falava em “armadilha de dívidas” e neocolonialismo; coletar os ativos colaterais causaria repercussão nos projetos de outros países (LIM, 2015). Tais países, observando as condições econômicas atuais e temendo o *default*, cancelariam ou adiariam seus projetos com a China, pondo em risco todo o BRI.

O segundo motivo que justifica as ações cautelosas da China (como a não-coleta), seria o fato de o país ter sempre se mostrado como um *player* focado nas ações à longo prazo. De fato, a iniciativa do Cinturão e Rota tem como data de conclusão o ano de 2049, centenário do Partido Comunista Chinês (ROLLAND, 2017). Inexistiria, portanto, a necessidade

¹⁴ The Economist. Ver: www.economist.com/china/2020/06/04/the-pandemic-is-hurting-chinas-belt-and-road-initiative. Acesso em: 22/10/2021

¹⁵ Banco Mundial. Ver: www.worldbank.org/en/news/feature/2020/06/08/the-global-economic-outlook-during-the-covid-19-pandemic-a-changed-world. Acesso em: 22/10/2021

¹⁶ Ver: www.economist.com/middle-east-and-africa/2020/06/06/african-governments-face-a-wall-of-debt-repayments. Acesso em: 22/10/2021

de colocar seus planos de longo-prazo em risco em troca de ganhos a curto prazo, o que fortaleceria uma atuação cautelosa e prudente por parte da China. Atualmente, o país recebeu diversos pedidos de alívio da dívida por parte de países do BRI. A China anunciou, em julho de 2020, uma moratória na dívida de 77 países, suspendendo os pagamentos de dívidas por tempo indeterminado. Segundo o economista Dajun Zhong, “a suspensão da dívida é para benefícios diplomáticos, a China terá que pagar um preço caro caso queira ganhar a maior quantidade possível de aliados internacionais” (XU, 2020).

Em resumo, tal cenário aponta para uma situação na qual a China posterga data-limites em empréstimos e investimentos e age de maneira “benigna” ou favorável às nações devedoras, de modo a não prejudicar relacionamentos bilaterais e cooperação econômica à longo prazo.

5.2 CENÁRIO OTIMISTA: SURGIMENTO DA VACINA E A COOPERAÇÃO MÉDICA INTERNACIONAL FAZ COM QUE A CHINA RECUPERE PRESTÍGIO PERDIDO

O segundo cenário, intitulado como “otimista”, segue a mesma fundamentação metodológica do cenário “cauteloso”. Nesse cenário, o futuro alternativo foi guiado pela seguinte pergunta: “qual seria o cenário mais auspicioso possível para a China enquanto player geopolítico?”

Examinando essa questão à luz da exploração das informações coletadas, nota-se que a vacina desenvolvida pela Sinovac Biotech, empresa farmacêutica chinesa, foi uma das primeiras vacinas do mundo a ter sucesso na fase 3 de testes, garantindo imunidade à COVID-19. Tal fato deu à China enorme influência global. Nesse cenário otimista, a China continua a permitir que diversos países do mundo possam produzir sua vacina sem contrapartida econômica, agindo de maneira “altruísta” em um jogo de ganha-ganha – tal como explicado por Ferreira (2020) ao examinar as negociações internacionais no campo de política externa. O ganho de prestígio internacional seria o suficiente para superar a perda de confiança e auxiliaria a China a alcançar uma posição de liderança internacional.

O auxílio sanitário a nações em crise, conjugado com investimentos em infraestrutura (que, como apontados previamente, podem ser o catalisador para o crescimento do PIB mundial) e a quebra da patente da vacina garantiria enormes benefícios diplomáticos para o gigante asiático,

consolidando tanto a iniciativa do BRI quanto a opinião mundial em relação às intenções da RPC.

Atualmente, a China trabalha para melhorar sua imagem internacional com cooperação na área de saúde, especialmente no envio de material médico para países atingidos pela pandemia (DEZENSKI, 2020). Embora o projeto BRI não possua um componente de cooperação médica, tais auxílios podem servir para melhorar a opinião pública e política da China.

Um fato recente que dá força ao argumento deste cenário é a cooperação Butantan/Sinovac, que estabeleceu a compra de 6 milhões de vacinas produzidas pela China e a produção de 40 milhões de doses por meio do Instituto Butantan, no Brasil.

Notamos que tal cenário, em sua totalidade, seria pouco provável: atualmente, diversas vacinas se encontram na última fase de testes, a fase III. A produção chinesa, também, é incapaz de suprir por si só todo o mundo, embora a quebra da patente por parte da China e/ou a cooperação chinesa com laboratórios de diversos países se mostre provável e vantajosa ao país, como expomos anteriormente. Neste contexto, nota-se que adotando o princípio da suspensão do julgamento, no qual eliminamos condicionantes do passado; e o princípio do grau de loucura, no qual é estimulado a produção de ideias novas e não-ortodoxas – comuns à análise de cenários – podemos notar que mesmo que a situação prevista não se concretize, a construção do presente cenário pode auxiliar no entendimento do que seria, para a China, a situação perfeita para seu posicionamento geopolítico.

5.3 CENÁRIO AGRESSIVO: CHINA CONTRARIA EXPECTATIVAS DE LONGO-PRAZO E TOMA ATITUDES ASSERTIVAS APOIADAS PELO SEU PODERIO BÉLICO

O terceiro e último cenário foi intitulado como “cenário agressivo”. A fundamentação metodológica é bastante similar à dos cenários anteriores, com a diferença de uma ênfase maior em ações agressivas e de ruptura com a estrutura internacional, além de um foco ainda maior nas “táticas de estímulo à criatividade” (MORITZ, 2004).

Nessa situação, a República Popular da China contrariaria todas as expectativas internacionais e seu histórico de atuação, agindo como um Estado revisionista da ordem. Para tanto, a China, se aproveitando da

crise econômica que abateu os Estados devedores, passaria a coletar, de forma agressiva, as cauções dos empréstimos e investimentos, assumindo controle de setores estratégicos, como portos, aeroportos, minas e indústrias de transformação. Essa coleta agressiva ocasionaria reações nos países de seu entorno, e a resposta à tais insatisfações se daria por meio de ameaças de embargo, sanções, movimentações de tropas nas fronteiras (ou em águas internacionais) ou uma conjugação desses fatores.

Essas ações, inevitavelmente, trariam uma reação do atual hegemom, os Estados Unidos da América, que se colocariam em rota de colisão com a China e buscariam subverter os antigos aliados do país asiático. É impossível e impraticável, entretanto, levar a construção deste cenário diante deste ponto, tendo em vista que conflitos militares são fatores extremamente incertos. Existiria uma chance de conflito entre as duas grandes potências, mas não podemos afirmar quem seria o vencedor ou mesmo se o conflito iria adiante, tendo em vista que os dois países são nuclearizados e podem buscar a desescalada do conflito.

Esse cenário seria o mais incerto e o menos desejado pela comunidade internacional, tendo em vista que rupturas da ordem são atípicas, e os precedentes envolveram guerras, crise econômica, fome e mortes (LIMA, 2019; VAN EVERA, 2013).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos observar, ao longo da presente pesquisa, que a República Popular da China está enfrentando um forte desafio à sua estratégia internacional. A atual pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 não só fragilizou economias pelo mundo como causou danos à imagem internacional do Estado. Diversos fatores podem prejudicar ou atrasar a realização do BRI, o maior e mais ambicioso projeto econômico das últimas décadas e pivô central da estratégia de ascensão geopolítica regional do país.

A construção e análise de cenários nos permitiu investigar futuros alternativos e os desafios a serem enfrentados em cada situação. Essa técnica contribuiu para o estudo de variáveis que poderiam não ser consideradas em situações típicas ou em projeções meramente extrapolativas. As técnicas de estímulo à criatividade, como a construção exploratória de narrativas possíveis, foram fundamentais para a construção de tais cenários, e se mostram como ferramentas importantes para o estudo de

desafios prospectivos, tendo em vista que o fator da incerteza no ambiente internacional é constante.

Em todos os cenários, pudemos notar que a China enfrenta desafios. Seja buscando recuperar seu prestígio perdido ou defender militarmente seu entorno regional, é inegável que o país em ascensão deverá buscar soluções para a atual crise e possíveis crises futuras. Qualquer que seja a estratégia adotada, os tomadores de decisão chineses muito provavelmente planejarão a longo prazo, tendo em mente a complexidade do sistema internacional.

A presente pesquisa mostra-se relevante para uma estratégia inicial de reflexão de cenários sobre um tema central nas relações internacionais contemporâneas, mas pode ser aprimorada com técnicas avançadas de construção de cenários, como o Método Delphi, a inclusão de ferramentas quantitativas de big data e a adoção de variáveis com peso provável. Espera-se, contudo, que a exploração aqui apresentada possa servir de ponto inicial para construção de hipóteses a serem testadas por pesquisadores que futuramente examinem cenários geopolíticos chineses com estas ferramentas metodológicas mais complexas.

CHINA AND ITS GEOPOLITICAL RISKS POST COVID-19: AN EXAMINATION THROUGH PROSPECTIVE SCENARIOS

ABSTRACT

This article draws on the literature on scenario building to analyse the geopolitical context of the People's Republic of China in face of the recent COVID-19 pandemic. Our objective is to offer a reference for of alternative futures that will allow us, in this specific case, to analyse geopolitical risks. We can state that the current Chinese strategy is based on economic growth through investments in technology and market opening, which fuses itself is translated in the “一帶一路” (Belt and Road Initiative). Such strategy was threatened by the current global health crisis, which has closed ports, borders, markets and caused serious damage to China's international image. In order to achieve these objectives, this article is based on theorists linked to the analysis of prospective scenarios and strategic studies. In the article, we suggest three scenarios: a cautious, an optimistic, and a scenario of intense aggressiveness. We expect, based on this construction, to observe possible future situations and risks to China's geopolitical strategy.

Keywords: China. Scenario construction. Geopolitics.

REFERÊNCIAS

ABLETT, Jonathan; ERDMANN, Andrew. **Strategy, scenarios, and the global shift in defense power**. McKinsey Global Institute, 2013.

ALLISON, Graham. The Cuban missile crisis. *Foreign Policy: theories, actors, cases*, p. 256-283, 2008.

ALTAKARLI, Nourah S. China's Response to the COVID-19 Outbreak: A Model for Epidemic Preparedness and Management. **Dubai Medical Journal**, p. 1-6, 2020.

BANERJEE, Dipankar. China's One Belt One Road Initiative: An Indian Perspective. **ISEAS-Yusof Ishak Institute**, v. 2016, n. 14, 2016.

BETHLEM, Agrícola. **Estratégia empresarial: conceitos, processos e administração estratégica**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BUARQUE, Sérgio C. **Metodologia e técnicas de construção de cenários globais e regionais**. Brasília : IPEA, 2003.

BUTANTAN, Instituto. **Governo de SP assina contrato com Sinovac para o fornecimento de 46 milhões de doses da Coronavac**. Disponível em: <<http://www.butantan.gov.br/noticias/governo-de-sp-assina-contrato-com-sinovac-para-o-fornecimento-de-46-milhoes-de-doses-da-coronavac>>. Acesso em: 06 out. 2020.

CAI, Peter. **Understanding China's belt and road initiative**. Lowy Institute for International Policy, 2017.

CHATZKY, Andrew; MCBRIDE, James. **China's Massive Belt and Road Initiative. Council on Foreign Relations, 2020**. Disponível em: <<https://www.cfr.org/backgroundunder/chinas-massive-belt-and-road-initiative>>. Acesso em: 07 out. 2020.

DEZENSKI, Elaine K. **Below the Belt and Road: Corruption and Illicit Dealings in China's Global Infrastructure**. Foundation for Defense of Democracies, 2020. Disponível em: <<https://www.fdd.org/analysis/2020/05/04/below-the-belt-and-road/>>. Acesso em: 06 out. 2020.

DOUGLAS, Karen M. COVID-19 conspiracy theories. **Group Processes & Intergroup Relations**, v. 24, n. 2, p. 270-275, 2021.

DUNFORD, Michael; LIU, Weidong. Chinese perspectives on the Belt and Road Initiative. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 12, n. 1, p. 145-167, 2018.

FERNANDES, Marcelo Pereira; LEITE, Alexandre César Cunha. Crescimento Econômico e Estabilidade política na China: Correlação e Complementaridade. In: **Anais do 11º Congresso da Associação Brasileira de Ciência Política**. 2012.

FERREIRA, Marcos Alan S. V. Análise de Cenários em Política Externa: considerações teóricas e conceituais. In: CARMO, C. A. do; WINAND, E. C. A.; BARNABÉ, I. R.; PINHEIRO, L. M. **Relações Internacionais: Olhares Cruzados**. Brasília: FUNAG, 2014, p. 603-623.

FERREIRA, Marcos Alan S. V. **Análise de Política Externa em Perspectiva: Atores, Processos e Novos Temas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

FRAVEL, M. Taylor; MANION, Melanie; WANG, Yuhua. A “China in the World” paradigm for scholarship. **Studies in comparative international development**, v. 56, n. 1, p. 1-17, 2021.

GÖSSLING, Stefan; SCOTT, Daniel; HALL, C. Michael. Pandemics, tourism and global change: a rapid assessment of COVID-19. **Journal of Sustainable Tourism**, p. 1-20, 2020.

HAIDER, Syed. The Impact of the COVID-19 Pandemic on the China-Pakistan Economic Corridor. **The Jamestown Foundation, China Brief**, v. 20, n. 13, 2020.

HUI, David S. et al. The continuing 2019-nCoV epidemic threat of novel coronaviruses to global health—The latest 2019 novel coronavirus outbreak in Wuhan, China. **International Journal of Infectious Diseases**, v. 91, p. 264-266, 2020.

JENKINS, Brian Michael. The future role of the US Armed Forces in counterterrorism. **CTC Sentinel**, v. 13, n. 9, p. 24-39, 2020.

LAFER, Celso. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.

LANTEIGNE, Marc. **Chinese foreign policy: an introduction**. Routledge, 2019.

LEITE, Alexandre César Cunha. **China and Global Value Chains: Globalization and the information and communications technology sector**. *Regional Studies*, v. 53, n. 1, p. 156-157, 2019.

LIM, Alvin Cheng-Hin. Africa and China's 21st century maritime silk road. **The Asia-Pacific Journal**, Japan Focus Volume, v. 13, n. 10, 2015.

LIMA, Thiago. ODS 2 "Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável. In: Henrique Zeferino de Menezes (Org.). **Os objetivos de desenvolvimento sustentável e as relações internacionais**. 1. ed. João Pessoa: Editora UFPB, v. 1, p. 43-62, 2019.

LOZADA, Homero Edmundo Blanco et al. **Political and economic consequences of the annexation of the Crimean Peninsula by Russia**. 2014.

MARCIAL, Elaine Coutinho. **Aplicação de metodologia de cenários no Banco do Brasil no contexto da inteligência competitiva**. Trabalho para obtenção do Diplôme d'Études Approfondies. Université de droite et des sciences d'Aix : Marseille, 1999.

MARCIAL, Elaine Coutinho. **Cenários prospectivos: como construir um futuro melhor**. Editora FGV, 2015.

MCCREIGHT, R. Scenario development: using geopolitical wargames and strategic simulations. **Environment Systems & Decisions**, v. 33, n. 1, p. 21-32, 2013.

MEARSHEIMER, John J. Can China rise peacefully? **The National Interest**, v. 25, n. 1, p. 1-40, 2014.

MEARSHEIMER, John J. The gathering storm: China's challenge to US power in Asia. **The Chinese journal of international politics**, v. 3, n. 4, p. 381-396, 2010.

MEDEIROS FILHO, Oscar. **Cenários geopolíticos e emprego das Forças Armadas na América do Sul**. Tese de Doutorado em Ciência Política, Universidade de São Paulo, 2004.

MOAGĂR-POLADIAN, Simona; DRĂGOI, Andreea. Crimean crisis impact on international economy: Risks and global threats. **Procedia Economics and Finance**, v. 22, p. 452-462, 2015.

MORITZ, Gilberto de Oliveira. **Planejando por cenários prospectivos: a construção de um referencial metodológico baseado em casos**. Tese de Doutorado em Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

OLIVEIRA, Lucas Kerr; OLIVEIRA, Suellen Mayara Peres; MAGNO, Bruno; YACOVENACO, Besna Gissel Rodriguez; FREITAS, Patrícia de. Análise de estruturas geopolíticas e de tendências de aumento da competição interestatal internacional: contribuições para a prospecção de cenários de ameaças à soberania brasileira sobre o Pré-Sal. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, v. 3, n. 2, 2017.

ORGANISATION, Shanghai Cooperation. **The Shanghai Convention on Combating Terrorism, Separatism and Extremism**, Xangai, 2001.

RITTER, Matias do N.; THEY, Ng H.; KONZEN, Enéas; ERTHAL, Fernando. **COVID-19, Projeto Use o R**, UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/user/covid-19/>. Acesso em: 27 out. 2020.

ROLLAND, Nadège. **The Belt and Road Initiative: China's Grand Strategy?**. Grand Designs: Does China Have A Grand Strategy, China Analysis, p. 5-6, 2017.

SAHA, Sagatom; FENG, Ashley. Global Supply Chains, Economic Decoupling, and U.S.-China Relations, Part 2: The View from the People's Republic of China. **The Jamestown Foundation**, China Brief, v. 20, n. 8, 2020.

SALKIND, Neil J. Triangulation. In: **Encyclopedia of Research Design**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2010.

SILVA SOUZA, I. D. S.; PASSARINI TAKAHASHI, V. P. A visão de futuro por meio de cenários prospectivos: uma ferramenta para a antecipação da inovação disruptiva. **Future Studies Research Journal: Trends and Strategies**, v. 4, n. 2, p. 102-132, 2012.

STOREY, Ian. China's Malacca dilemma. **The Jamestown Foundation**, China Brief, v. 6, n. 8, p. 4-6, 2006.

SUKHANKIN, Sergey. The Security Component of the BRI in Central Asia, Part Two: China's (Para)Military Efforts to Promote Security in Tajikistan and Kyrgyzstan. **The Jamestown Foundation**, China Brief, v. 20 n. 14, 2020.

SUN, Yutao; GRIMES, Seamus. **China and global value chains: Globalization and the information and communications technology sector**. London : Routledge, 2017.

TEIXEIRA JR, Augusto; DUARTE, Marco. O Modo Americano de Guerra: a transformação militar das forças armadas dos Estados Unidos. **Revista Tempo do Mundo**, v. 4, n. 2, p. 11-26, 2018.

WASSENAAR, Trudy M.; ZOU, Ying. 2019_nCoV/SARS-CoV-2: rapid classification of betacoronaviruses and identification of Traditional Chinese Medicine as potential origin of zoonotic coronaviruses. **Letters in Applied Microbiology**, v. 70, n. 5, p. 342-348, 2020.

WRIGHT, James Terence C.; SPERS, Renata Giovinazzo. O país no futuro: aspectos metodológicos e cenários. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 56, p. 13-28, 2006.

XU, Lu. **China World's Biggest Creditor Delays Debt Repayments for 77 Nations**. VOA News. Disponível em: <<https://www.voanews.com/east-asia-pacific/voa-news-china/china-worlds-biggest-creditor-delays-debt-repayments-77-nations>>. Acesso em: 06 out. 2020.

YAN, Xuotong. Chinese values vs. liberalism: what ideology will shape the international normative order? **The Chinese Journal of International Politics**, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2018.

YINGHUI, Lee. **COVID-19: The Nail in the Coffin of China's Belt and Road Initiative?** The Diplomat, 2020. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2020/09/covid-19-the-nail-in-the-coffin-of-chinas-belt-and-road-initiative/>>. Acesso em: 2 de out. de 2020.

YU, Hong. Motivation behind China's 'One Belt, One Road' initiatives and establishment of the Asian infrastructure investment bank. **Journal of Contemporary China**, v. 26, n. 105, p. 353-368, 2017.

ZHANG, Liangsheng et al. **Origin and evolution of the 2019 novel coronavirus**. Clinical Infectious Diseases, 2020.

Recebido em: 29/10/2020

Aceito em: 15/10/2021